

ALCUNHAS E (I)MIGRAÇÃO NO SUL DA AMAZÔNIA MERIDIONAL

NICKNAMES AND (I)MIGRATION IN THE SOUTH OF THE SOUTHERN AMAZON

Fernando Hélio Tavares de Barros¹, Lucas Löff Machado², Neusa Inês Philippsen³

RESUMO: *Contextos de multilinguismo e plurilinguismo na sociedade se manifestam, entre outras formas, através do ato de nomear. A alcunha é uma das manifestações mais espontâneas desse fenômeno e constitui um dos interesses da Antroponomástica (disciplina afiliada à Onomástica). Sua função é identificar um indivíduo no interior de um grupo, de acordo com determinadas características. No presente trabalho, foram enfocadas as alcunhas étnicas (galego, polaco, alemão, entre outros) a partir de nomes de candidatos políticos (prefeitos e vereadores), nas eleições realizadas no ano de 2016 no território sul da Amazônia meridional, considerada pela dialetologia tradicional como incharacterístico (NASCENTES, 1950). O mapeamento das alcunhas teve como objetivo identificar comportamentos sociais em um espaço multilíngue. As alcunhas expressam percepções sociais originadas em movimentos de (i)migração e contato linguístico e resguardam, por vezes, funções do contexto anterior ou, conforme o espaço em que se estabelecem, sujeita a processos de relexificação de seu conteúdo semântico.*

PALAVRAS-CHAVE: *Multilinguismo, Alcinha, Antroponomástica, Imigração.*

ABSTRACT: *Contexts of multilingualism and plurilingualism in society manifest themselves, among other forms, through the act of naming. The nickname is one of the most spontaneous manifestations of this phenomenon and is one of the interests of the Anthropomonastic (discipline affiliated with Onomastics). Its function is to identify an individual within a group according to certain characteristics. In the present work, the ethnic nicknames (Galician, Polish, German, and others) were focused on the names of political candidates (mayors and councilors) in the elections held in 2016 in the territory of southern Amazonia, considered by traditional dialects as uncharacteristic (NASCENTES, 1950). The mapping of nicknames aimed to identify social behaviors in a multilingual space. Aliases express social perceptions originated in movements of (i)migration and linguistic contact and sometimes preserve functions of the previous context or, depending on the space in which they are established, subject to processes of re-reading of their semantic content.*

KEYWORDS: *Multilingualism, Nickname, Anthroponomastic, Immigration.*

¹ Doutorando em Romanística pela Christian-Albrecht Universität zu Kiel (CAU), Alemanha.

² Doutorando em Germanística na Universidade Católica de Eichstätt-Ingolstadt, Alemanha.

³ Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela USP. Professora adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT – Campus Sinop).

Introdução

Uma forma diferente de se estudar o multilinguismo e o plurilinguismo na sociedade é ver o papel do nome no contato de grupos de matrizes linguísticas e culturais diferentes. Isso, quando se considera que as diferenças relacionadas à origem geográfica e aos demais fatores socioculturais, que marcam na fala essa necessidade de denominar o ‘diferente’, pode refletir no uso dos nomes de pessoas. Em regiões multiculturais, além das características linguísticas e físicas dos sujeitos, os imaginários coletivos participam, com grande protagonismo, do jogo denominativo.

Como é de conhecimento de todos, por força do controle político e social de um país, são atribuídos às pessoas geralmente um pré-nome e um nome de família, contudo nem sempre uma pessoa se faz percebida numa localidade pelos nomes do registro civil. Alguns indivíduos são conhecidos pela família, vizinhos e demais pessoas de um lugarejo por uma alcunha (ou apodo), que no português popular brasileiro também é denominada de *apelido*⁴ (fr. *sobriquet*; al. *Spitzname*; in. *Nickname*; it. *nomignolo*; es. *apodo*). Esse tema faz parte do interesse da Antroponomástica (ou Antroponímia), disciplina afiliada à Onomástica. Em específico, o caso da variação dos nomes e sua relação com o extralinguístico é preocupação da Sócio-Onomástica. Spillner (2011, p.263) aponta que o estudo dos apodos é campo ainda pouco explorado. Em situação diferente, encontram-se os pré-nomes e os nomes de família, que, até o momento, despertaram maior interesse dos pesquisadores.

Este artigo apresenta algumas reflexões advindas da constituição de um *corpus*⁵ de nomes de candidatos políticos a prefeito e vereador de distintas cidades no sul da Amazônia Meridional no período eleitoral de 2016. O foco foi a recolha de alcunhas subdivididas em uma taxonomia que leve em conta referências à origem geográfica, às características físicas ou à profissão do denominado. O *corpus* reuniu 650 formas em uma diatopia que cobre o *território incaracterístico*⁶ de Nascentes (1923) e zonas periféricas a essa área geolinguística. A percepção que tivemos é que, nessa região, os apelidos são um reflexo do intenso e recente contato entre grupos de (i)migrantes, sendo essa a principal motivação para tal estudo.

A atribuição de alcunhas

⁴ Nesse estudo, tomamos o termo *alcunha* como paralelo a *apodo* e *apelido*, ou seja, como sinônimos. Outros termos como *anexim*, *nomeada*, *mau-nome* e *cognome* se referem a mesma acepção (RAMOS, 1990b). À título informativo, em Portugal há áreas do Alentejo em que o termo *alcunha* e *apelido* são sinônimos (RAMOS, 1990b). Cabe considerar, todavia, que nesse mesmo país *apelido* é, de maneira geral, entendido como Nome de Família.

⁵ Estudo realizado dentro dos propósitos do Projeto de pesquisa *Diversidade e Variação Linguística em Mato Grosso – DIVALIMT* (coordenado pela Profa. Dra. Neusa Inês Philippsen – UNEMAT/ Campus Sinop – MT) e do Grupo *Alma Linguae: Variação e Contatos de Línguas Minoritárias* (sob coord. do Prof. Dr. Cléo V. Altenhofen - UFRGS).

⁶ Nascentes (1923) classifica a região que cobre o leste de Rondônia, sul do Amazonas e Pará, norte de Mato Grosso e oeste de Tocantins como *incaracterística* por não haver, na sua concepção, ainda ali um português regional.

A palavra, e aí se inscreve a alcunha, “reflete por definição um saber compartilhado por uma comunidade de falantes” (GLESSEGEN, 2008, p. 241)⁷. A atribuição de alcunhas é uma realidade cultural desde a Idade Média⁸. Em várias línguas, alguns nomes de família, hoje de natureza semântica opaca, tiveram na alcunha a sua motivação⁹. Em certas regiões da Europa, como o caso da Holanda, os habitantes de cidades vizinhas costumam atribuir apelidos entre si (cf. REINSMA, 2013), temos aí as alcunhas coletivas. Os apelidos, nesse caso, são, em certos casos, instrumentos de chacota, crueldade e expressão do estranhamento de características ditas próprias dos vizinhos.

Como afirma Ramos (1990a), a oralidade é o meio de expressão privilegiado em contextos de zona rural e o conhecimento mútuo favorece a comunicação interpessoal dentro das comunidades. A alcunha, portanto, tem seu uso mais ativo em pequenas localidades, ou seja, em vilarejos. As cidades grandes, por seu caráter impessoal e intenso movimento humano, por vezes caótico, não se constituem lugares propícios para a sua sobrevivência e funcionalidade (RAMOS, 1990a). Dessa forma, reforça o autor, o uso das alcunhas está ligado ao fator numérico: para além de certo número de locutores em um lugar, o nome perde sua eficácia no ponto de vista social.

Os princípios das atribuições dos apodos são “em primeiro lugar, qualquer sinal particular que marque uma pessoa aos olhos da opinião pública – seu lugar de nascimento ou de residência, sua profissão, algum detalhe de sua aparência física ou excentricidade do comportamento”¹⁰ (PITT-RIVERS, 1983, *apud* RAMOS, 1990a, p. 7). Inclusive, a alcunha pode também marcar particularidades de ordem fonético-articulatória, tais como língua-presa e gagueira.

Nesse estudo, reunimos, em específico, os casos de apelidos para estrangeiros; o que, de fato, se revela curioso é que esta zona da Amazônia brasileira, salvo alguns casos¹¹, não foi área marcada pela introdução direta de contingentes vindos de fora do país. Contudo, a maioria da massa populacional aqui transplantada são gerações de ascendência alóctone nascidas no território nacional.

⁷ Do original: *un mot reflète par définition un savoir partagé par une communauté de locuteurs*. (GLESSEGEN, 2008, p.241).

⁸ Vale lembrar que já na Bíblia aparecem alcunhas, como na nomeação de um dos apóstolos: Simão é chamado de *Cefas*, que significa Pedro ou pedra (v. João, Cap. 1, vers. 42).

⁹ O indivíduo que o cabelo se assemelhava a uma mata (pt. *Matoso*), o de estatura baixa (ita. *Piccolo*, dt. *Klein*) ou alta (ita. *Grando*, fr. *Legrand*, dt. *Groß*), o magro (ita. *Magrini*, esp. *Delgado*) ou gordo (dt. *Dicker*, ita. *Grosso*), o branco (ita. *Bianco*, fr. *Leblanc*, esp. *Blanco*) ou negro (ita. *Negri*, dt. *Schwarz*), ou, ainda, o que possui certa profissão (esp. *Zapatero*, pt. *Cavalcante*, dt. *Müller*, ita. *Pescatore*).

¹⁰ Trad. do original: *en premier lieu, quelque signe particulier qui marque une personne aux yeux de l'opinion publique – son lieu de naissance ou de résidence, sa profession, quelque détail de son apparence physique ou quelque excentricité de comportement* (PITT-RIVERS, 1983, *apud* RAMOS, 1990a, p. 7).

¹¹ Vale lembrar o caso da imigração dos paraguaios, dos barbadianos (Rondônia, Pará) e, mais recentemente, dos haitianos.

Contexto histórico: a ocupação na porção sul da Amazônia Meridional ¹²

A Amazônia brasileira, antes da chegada dos colonizadores/imigrantes portugueses ¹³e o contingente africano, este trazido pelo flagelo da escravidão, já aportava uma grande diversidade de povos e línguas autóctones. A partir do fim do séc. XIX, todos os efeitos decorrentes da exploração da borracha fizeram com que milhares de brasileiros se deslocassem para essa zona, como também muitos estrangeiros ¹⁴. A intensificação da ocupação da Amazônia, entre as décadas de 1960-1980, com a abertura das vias Santarém-Cuiabá (BR 163) e a Transamazônica, propicia uma nova fase de assentamento de (i)migrantes. Vindos de diferentes regiões do Brasil, mas também, em menor escala, de países vizinhos, os migrantes são, em sua maioria, de gerações descendentes de luso-brasileiros, caboclos, afro-brasileiros. Os imigrantes, por sua vez, alternam-se entre japoneses, italianos, espanhóis, portugueses, alemães, eslavos (entre outros), contudo, em maior parte, são gerações desses já nascidas no Brasil.

A região norte de Mato Grosso, conjugada com as partes sul do Pará e Amazonas, nordeste de Rondônia e nordeste de Tocantins, faz parte de uma área chamada na Dialetologia Brasileira de *Território Incaracterístico* (NASCENTES, 1950). Isso se deve ao fato desta zona ser considerada uma das últimas fronteiras de colonização agrícola na porção norte do Brasil ¹⁵. Por esta razão, trata-se de uma área de intensa (i)migração e contatos entre grupos de (i)migrantes.

Dessa forma, a natureza dessa zona mostra-se fértil e carente para os estudos de antroponímia cultural, pois é no contato recente entre vizinhos que fatores como a origem geográfica ou particularidades fisionômicas dos indivíduos tornam-se um referente importante no processo denominativo (RAMOS, 1990a).

O corpus e a metodologia empregada

A zona recortada para este estudo, como já mencionado, cobre todo o território incaracterístico de Nascentes (1950) e acrescentamos, a ele, algumas áreas adjacentes. As

¹² A porção específica, à qual nos referimos, corresponde a parte sul dos estados de Amazonas, Pará, o norte de Mato Grosso e os estados de Rondônia e Tocantins.

¹³ Até hoje, apesar da imigração de diferentes grupos étnicos, o elemento luso constitui o mais numeroso (SANTOS JÚNIOR, 2008).

¹⁴ Como o caso dos barbadianos (da ilha de Barbados), trazidos pelos ingleses na construção da Ferrovia Madeira-Mamoré (LIMA, 2013; SANTOS RODRIGUES, 2009-2010).

¹⁵ Por ser uma região de recente ocupação projetos geolinguísticos como o Alib (Atlas Linguístico do Brasil) excluíram essa porção da Amazônia da rede de inquéritos, não por esse ser um fator de impedimento para realização de inquéritos, mas sim pela visão tradicional da Dialetologia que propicia uma incompatibilidade de método.

regiões contempladas, em linhas gerais, são: a) região sul do Pará e do Amazonas, por onde foi aberta, na década de 1970, a Transamazônica; b) toda a parte norte e oeste do Estado de Rondônia, toda a região norte e nordeste de Mato Grosso e c) todo o Estado de Tocantins.

Para a composição do *corpus*, foi utilizado o banco de dados eletrônico do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), cujo acesso aos resultados das eleições municipais de 2016 é de domínio público¹⁶. As alcunhas encontradas foram organizadas por meio de listas, compostas conforme a natureza do antropônimo (nome de família, origem geográfica /profissão/etc.) e sua localização geográfica (município>microrregião>mesorregião>estado da federação). Algumas alcunhas, devido aos aspectos extralinguísticos, foram também analisadas, em todo o território nacional, por motivos de comparabilidade.

Exibimos abaixo, na Fig. 01, as mesorregiões estaduais dos municípios selecionados¹⁷.

Estado	Mesorregião	Estado	Mesorregião
MT	Norte mato-grossense	RO	Leste rondoniense
	Nordeste mato-grossense		Madeira-Guaporé
PA	Sudeste paraense	TO	Ocidental do Tocantins
	Sudoeste do Pará		Oriental do Tocantins
AM	Sul amazonense		

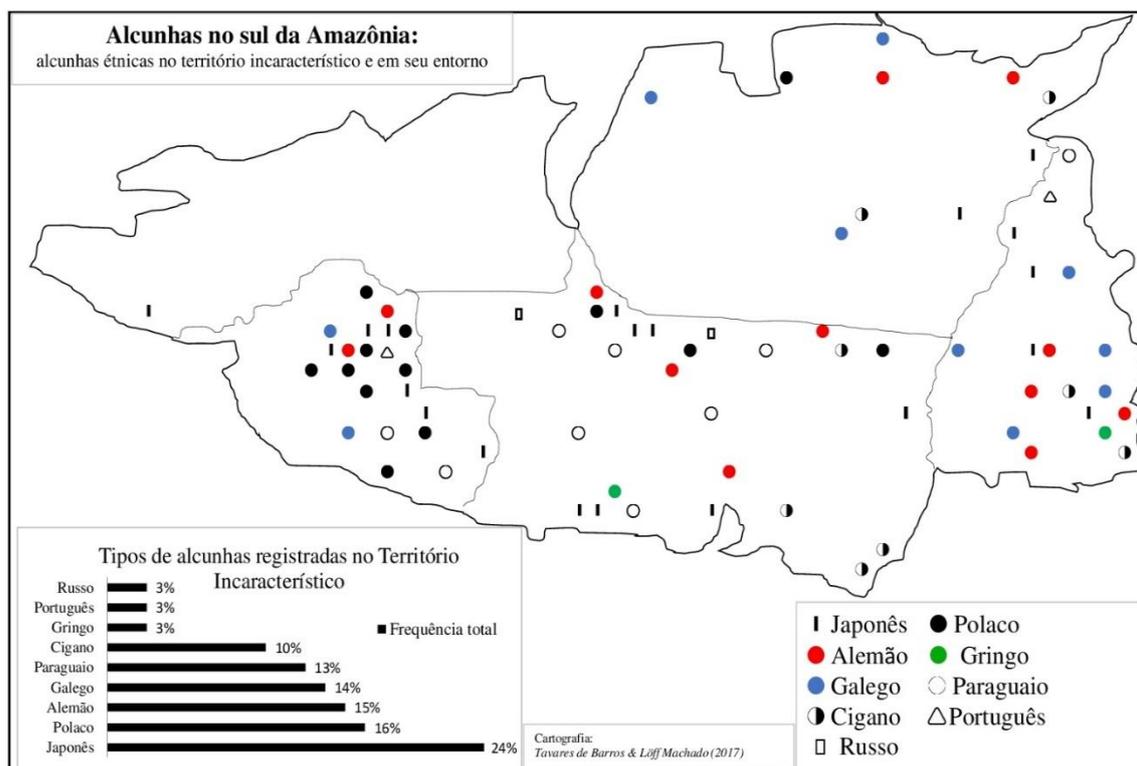
Fig. 01 - Rede de pontos selecionada

Como um dos interesses da Dialetoлогия é a variação no espaço, preocupamo-nos em mapear as ocorrências de alcunhas para estrangeiros em denominações de políticos na diatopia recortada. Abaixo, portanto, encontram-se as formas mais frequentes: 1. Japonês, 2. Polaco, 3. Alemão, 4. Galego, 5. Paraguaio, 6. Cigano, 7. Gringo, 8. Russo e 9. Português.

Como mostra o Mapa 01, há regiões que possuem maior diversidade antroponímica, sendo este o caso do norte de Mato Grosso, sul de Tocantins e oeste de Rondônia. Em parte, deve-se considerar o fato de que, nessas regiões, aconteceram as primeiras fronteiras agrícolas, assim, por serem mais velhas, a hipótese é que acumularam maior diversidade de grupos migratórios. Alguns destes apodos foram mais produtivos em certos estados: o caso de *polaco* em Rondônia, *galego* no Tocantins, *japonês* em Rondônia e Mato Grosso, *alemão* em Tocantins e Mato Grosso, *cigano* no Mato Grosso, assim como *paraguaio* neste mesmo Estado.

¹⁶ <http://divulga.tse.jus.br/oficial/index.html>

¹⁷ Para visualizar todas as respectivas microrregiões e municípios, acesse este arquivo no portal do IBGE: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/DRB/Divisao%20regional_v01.pdf.



Base cartográfica: mapa IBGE 2010

Fonte: elaboração nossa

Fig. 02 - Formas antroponímicas para estrangeiros

Outras formas foram reunidas na lista abaixo. Elas não foram cartografadas por terem apresentado poucas ocorrências.

Alcunha	Estado	Município	Alcunha	Estado	Município
Mexicano	MT	Sorriso	Coreano	PA	Vitória do Xingu
Antônio filho da Chinesa	PA	Dom Eliseu	Peruano	PA	Tucuruí
Chileno	PA	Pau D'Arco			

Fig. 03 - Outras ocorrências de alcunhas para estrangeiros

Com a intenção de compreender o uso deste conjunto de alcunhas e buscar as raízes motivadoras desse contexto antroponímico, propusemo-nos apresentar, a seguir, considerações sobre algumas alcunhas no que concerne à sua etimologia, à presença de seu registro na lexicografia, historiografia e nos atlas linguísticos. Como primeiros resultados, apresentamos, nesse texto, reflexões analíticas das formas *polaco* e *galego*.

Análise etimológica e diatópica de duas alcunhas registradas no sul da Amazônia Meridional

Pela multiplicidade de sentidos que invocam as formas *polaco* e *galego*, apresentamos uma descrição resumida das acepções que a lexicografia e os atlas linguísticos nos oferecem. Por serem duas formas de origem alóctone, fez-se necessário, também, levantar seus registros e cartografá-las em outras áreas do Brasil além das propostas no lócus do estudo.

Polaco

Como se apresenta no Mapa 01, *polaco* é apodo de grande produtividade em Rondônia e Mato Grosso. O *Dicionário Vocabulario Portuguez & Latino*¹⁸, de Rafael Bluteau (1728, p. 571), registra *polaco* como pessoa natural da Polônia ou “cousa concernente à Polônia”. No domínio de língua italiana, o dicionário *Garzanti*¹⁹ afirma que *polacco* vem do polonês *Polak*, este, por sua vez, vem de *pole* (campo, planura). Já o *Dicionário de Língua Portuguesa*, da Editora Porto²⁰, diz que *polaco*, no português, vem do *Polacke* do alemão, e que, nesta língua, o termo tem conotação pejorativa.

O termo no alemão, segundo o dicionário dos irmãos Grimm *Deutsches Wörterbuch* (1975)²¹, origina-se de *Polack* do polonês. Na língua alemã, o primeiro registro da palavra *Polack* aparece como nome próprio em 1429, no registro do prefeito da cidade de Nüremberg, o Sr. Meirtein Polak (1429-1461). O dicionário registra essa passagem de H. Heine já demonstrando o aspecto pejorativo desta alcunha na língua alemã.

und kommen die vagabunde, zigeuner, Polacken und lumpenhunde

H. HEINE 18, 341;

Trad. e então chegam os vagabundos, os ciganos, os polacos e os vadios. H.

HEINE 18, 341.

Nos dicionários dialetais alemães, *Polack* frequentemente é classificado como insulto para diversos seres e suas maneiras de agir. No dicionário do sul de Hessen *Südhessisches Wörterbuch*²², *Polack* é palavra vulgar para designar os poloneses trabalhadores do campo. Nessa região, o termo também é usado para pessoas sujas: *Er stinkt wie ein Polack*²³, assim como para cavalos. *Polack* também é apodo para os habitantes de Offenbach (Klein-Welzheim), Miltenberg (Mainbullau) e Mainz (Nierstein) em Südhessen. A palavra ainda é sinônima de bolinha de gude (*Klickerkugel*).

No *Schweizerisches Idiotikon* digital²⁴ (Vol. IV), *Polagg*, *Polake* é termo usado para designar pessoas de feição estranha na localidade. Já, no dicionário da Pfalz *Pfälzisches*

¹⁸ <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/1/polaco>

¹⁹ <http://www.garzantilinguistica.it/ricerca/?q=polacco>

²⁰ <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/polaco>

²¹ http://woerterbuchnetz.de/cgi-bin/WBNetz/wbgui_py?sigle=DWB&lemid=GP06123

²² <http://www.lagis-hessen.de/de/subjects/rsrec/sn/shwb/entry/Polack>

²³ Trad. *Ele fede igual um polaco.*

²⁴ <https://digital.idiotikon.ch/idtkn/id4.htm#!page/41181/mode/1up>

*Wörterbuch*²⁵, *Polack* é termo usado para trabalhadores de escavação em Ludwigshafen – Oppau, assim como, para pessoas desordenadas ou relaxadas (em Landau Gommh). Também é alcunha para os habitantes de Ludwigshafen Gommh -Rh'gönh. Usa-se, ainda, para designar cavalos velhos, uma bolinha de gude gorda (al. *besonders dicker Klicker*) e resto de bebida que ficou em um copo (al. *rest eines Getränkes im Glas*).

No dicionário do Renano *Rheinisches Wörterbuch*²⁶ (Vol. 6), *Polack* é a forma utilizada para um trabalhador polonês, um empregado submisso e desordenado, um andarilho, alguém de maus modos, petulante (em Trier, Daun). Ela é igualmente usada para um estranho, um recém-chegado à localidade, que aparenta ser perigoso e geralmente de caráter ruim (em Saarbrücken - Ockfen).

No dicionário do alemão falado na Alsácia (al. *Elsass*) *Wörterbuch der elsässischen Mundarten*²⁷, *Polack* também é termo para uma pessoa demasiado bêbada, ou seja, que bebeu em exagero. E, por fim, o aspecto jocoso e negativo da alcunha também foi encontrado no dicionário de expressões de Karl Friedrich Wilhelm Wander *Deutsches Sprichwörter-Lexicon von Karl Friedrich Wilhelm Wander*²⁸:

Ein Polack ohne Läuse, ein Feld ohne Mäuse, ein Krieger ohne Klinge sind drei seltene Dinge.

Trad. Um polaco sem piolho, um campo sem ratos, um guerreiro sem espada, são três coisas raras de se encontrar.

No Brasil, é conhecida a expressiva imigração polonesa para o Estado do Paraná. Toniolo (1981), em seu estudo sobre o léxico de Tibagi - PR, registra o termo *polaco* como alcunha genérica para indivíduos loiros. No *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR) (AGUILERA, 1994, carta 56), o termo aparece na denominação de um tipo de galinha crioula (caipira), a galinha de pescoço pelado:

²⁵ http://woerterbuchnetz.de/cgi-bin/WBNetz/wbgui_py?sigle=PfWB&lemid=PB04922&hitlist=&patternlist=&mode=Karte&ortsid=307

²⁶ http://woerterbuchnetz.de/cgi-bin/WBNetz/wbgui_py?sigle=RhWB&lemid=RP05824

²⁷ http://woerterbuchnetz.de/cgi-bin/WBNetz/wbgui_py?sigle=Wander&lemid=WP00779

²⁸ http://woerterbuchnetz.de/cgi-bin/WBNetz/wbgui_py?sigle=Wander&lemid=WP00779

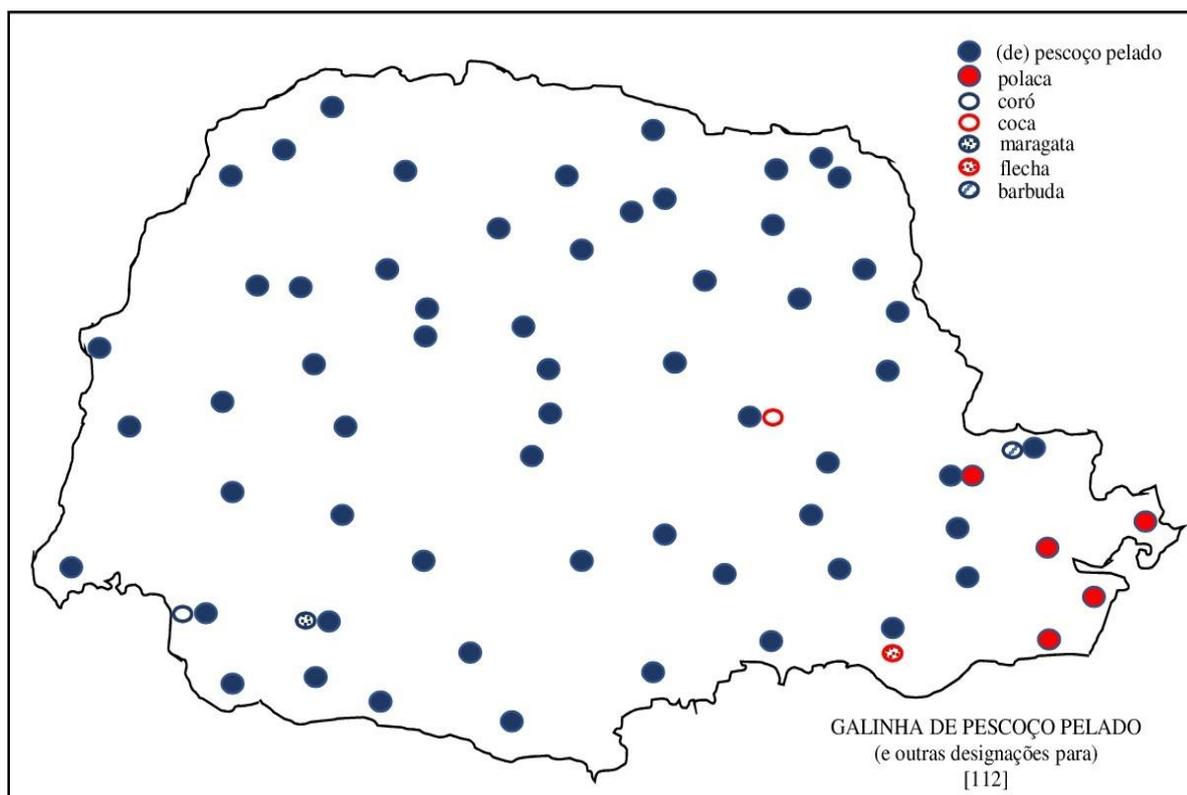
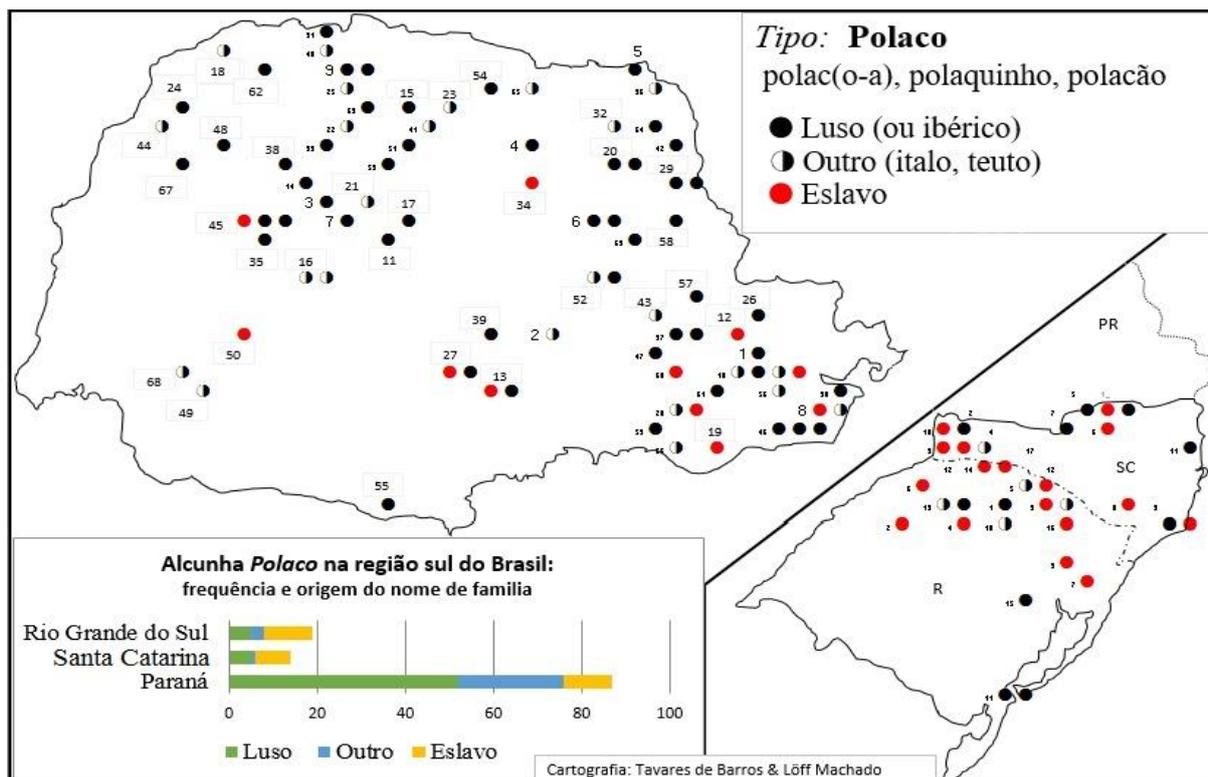


Fig. 04 - Réplica (de nossa autoria) da Carta 56 para *galinha de pescoço pelado* (ALPR I, 1994, p. 135)

Pelo fato de ter, em nossos dados do território incaracterístico, apenas dois casos de políticos portadores dessa alcunha e que possuem Nome de Família de origem eslava, buscamos encontrar no restante do Brasil regiões onde essa forma também ocorria. Como já prevíamos, a nossa hipótese confirmou-se: a maioria das ocorrências de *polaco* para indivíduos com nomes de família de origem lusa (ou ibérica), italiana e germânica apareceram nos estados da região sul, em particular no Paraná.

É possível visualizar essa dinâmica denominativa no Mapa 02 (abaixo), o qual mostra que no Paraná a maioria dos denominados tinha origem lusa ou híbrida (ítilo-teuto-lusa). Grande parte dos *polacos* (assim denominados) com sobrenomes eslavos²⁹ encontram-se em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, onde também há colônias de poloneses. Acreditamos, assim, que a alcunha *polaco*, no sul da Amazônia Meridional, possui grandes chances de ser um regionalismo paranaense transplantado. Confirmar essa hipótese seria, por sua vez, uma tarefa da Geografia Linguística nessa região.

²⁹ Os nomes de família foram consultados em dicionários onomásticos (MACHADO, 1984; CAFFARELLI E MARCATO, 2008; DUDEN, 2000) e em acervos digitais de entrada de imigrantes no Brasil.



Base cartográfica: mapa IBGE 2010

Fonte: elaboração nossa

Fig. 05 - Mapa das ocorrências de *polaco* no sul do Brasil

Galego

Do latim *gallaecus*, *galego* é alcunha frequentemente usada em Portugal pela gente do Alentejo para designar – de maneira generalizada - os portugueses do norte, sobretudo os da Beira (ACL³⁰, 2001, p.1855). Como em algumas zonas rurais de elemento luso no Brasil, em Portugal, *galego* também é atributo de diferentes frutos, legumes e cereais. A título de exemplo, temos o *limão-galego*³¹ (ALEAç³², carta 517), a *couve-galega* (ALEAç, carta 539), o *feijão galego* (ACL, 2001, p. 1855), entre outros. Em Portugal, *galego* ainda é o vento vindo do norte, uma mesa posta sem pão (region. Beiras) e adjetivo depreciativo de aspecto rude e grosseiro (ACL, 2001, p. 1855).

Essa última acepção provavelmente tem a ver com a migração dos galegos vindos da Galícia para Portugal e sua situação de forasteiro e classe social baixa. Neste quadro, encaixava-se também o uso de *galego* para o moço dos fretes, o carregador, “pessoa que trabalha muito, que executa trabalhos pesados; escravo do trabalho” (idem, p. 1855). Deste *galego* originou-

³⁰ Esta abreviatura, de nossa autoria, corresponde ao *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa* (2001).

³¹ Forma usada na colônia portuguesa do vale do Jacuí e Taquari no Rio Grande do Sul, conforme dados de campo de Tavares de Barros (2017) em Triunfo-RS. Produto do contato com os vizinhos lusos, *limão-galego* é também conhecido e falado pelos hunsriqueanos (dado do *Atlas Linguístico das Minorias alemãs da Bacia do Prata*, ALMA-H).

³² *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores*.

se a forma *galeguice*, insulto que conota “atitude, comportamento que manifesta grosseria, indelicadeza, ausência de maneiras” (idem, p.1855).

No Brasil, os contextos de imigração portuguesa produziram usos diversos do apelido *galego*, ora para marcar os portugueses como um grupo à parte dos brasileiros³³, ora para acentuar diferenças regionais (norte *versus* sul de Portugal) dentro da colônia portuguesa no Brasil (veja CÂMARA, 2012 e FERRAZ, 2014). As acepções encontradas nos atlas linguísticos brasileiros foram:

1. Moça atraente: *galega bonita* (ALERS³⁴, QSL637, ponto 144³⁵ – Araruna -PR).
2. Pessoa branca e loira (ALERS, quest. 3.3.3, perg.19³⁶)
Comentários:
(Ponto SC 511) Entr.³⁷. - *Ele é galego, o que os senhores entendem? “vai falar com o galego!”*
Info. - *Galego? É um loiro!*
(Ponto SC 562) Entr. – *“Vai lá chamar o galego”, o que quer dizer? Info. – É um bem branco! Entr. – Branco ou louro? Info. - Louro, louro!*
3. Pessoa com cabelos ou cor de pele avermelhados (ALS³⁸, carta 86):
Comentários: “É desses bem vermelhado, a cor de lavareda de fogo” (info. ponto 58).
“vermelho de cabelo branco” (info. ponto 60).

Os dicionários do português brasileiro Aurélio³⁹ e Aulete⁴⁰ afirmam que *galego* é, entre outras acepções, entendido como pessoa loira. Os dados levantados para o *Atlas Linguístico Contatual do Norte de Mato Grosso* (AliCONMAT) também registrou essa acepção “pessoa loira, de pele branca” para *galego*⁴¹. Sabe-se, por exemplo, que algumas personalidades do meio político brasileiros são conhecidas por essa alcunha justamente por tais características físicas, serve o caso do ex-governador do Estado do Ceará Tasso Jereissati, o *galeguin dozoí azul*⁴² (port. dialetal), e a ex-primeira-dama Marisa, a *galega*, do ex-presidente Lula.

Conforme os dados recolhidos e cartografados, a alcunha *galego* tem ampla ocorrência em estados brasileiros litorâneos, sobretudo nos nordestinos (v. Bahia e Pernambuco), e acentuada ocorrência em algumas antigas zonas da corrida do ouro, é o caso de Goiás, Bahia e Minas Gerais; bem como em outras zonas conhecidas pelo assentamento de

³³ Inclusive como palavra de expressão do antilusitanismo: “*galego, pé de chumbo, /calcanhar de frigideira / Quem te deu a liberdade / De casar com brasileira?*” (FERRAZ, 2014, p.31)

³⁴ *Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul*.

³⁵ Este informante, no entanto, é natural do litoral de Santa Catarina (Jaguaruna – SC), assim como seus genitores (Criciúma - SC e Jaguaruna- SC).

³⁶ Trata-se de conteúdo inédito do *corpus* do ALERS, que serão detalhados em trabalho futuro. Agradecemos ao Prof. Dr. Cléo V. Altenhofen (UFRGS) por conceder os dados.

³⁷ Entr. é abreviação escolhida para entrevistador, assim como info. para informante.

³⁸ *Atlas Linguístico de Sergipe*.

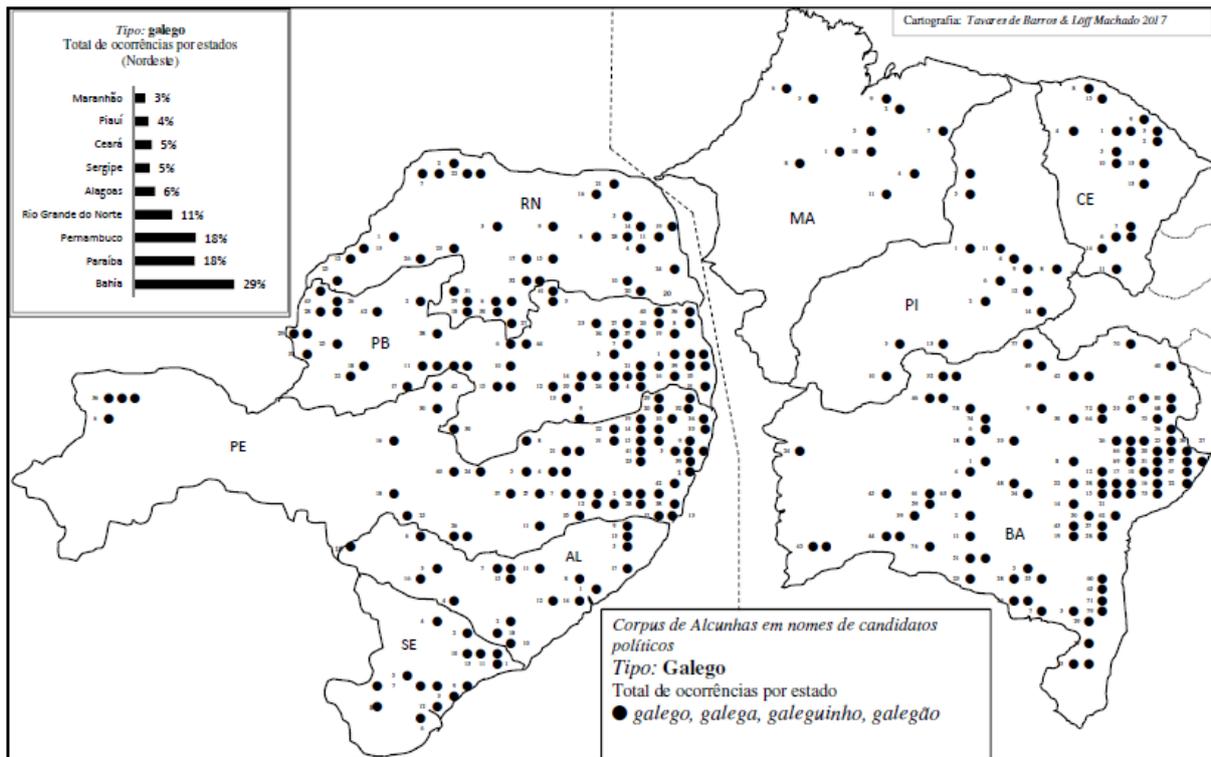
³⁹ <https://dicionariodoaurelio.com/galego>

⁴⁰ <http://www.aulete.com.br/galego> Acesso: 31.05.2017

⁴¹ Em particular na fala dos nordestinos e paranaenses.

⁴² *Galeguinho dos olhos azuis*: alcunha utilizada por este político em suas campanhas eleitorais.

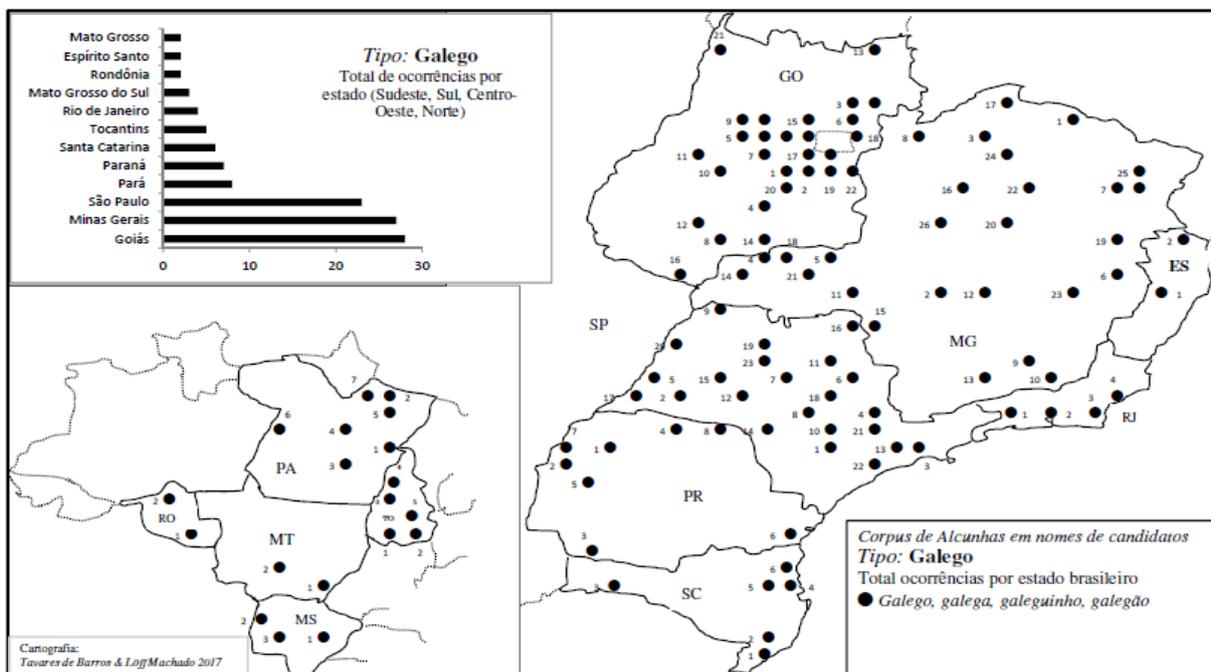
portugueses, ou seja, a costa do Paraná e de Santa Catarina, onde *galego* forma uma isoglossa compacta.



Base cartográfica: mapa IBGE 2010

Fonte: elaboração nossa

Fig. 06 - Mapa das ocorrências totais da forma *galego* na região nordeste



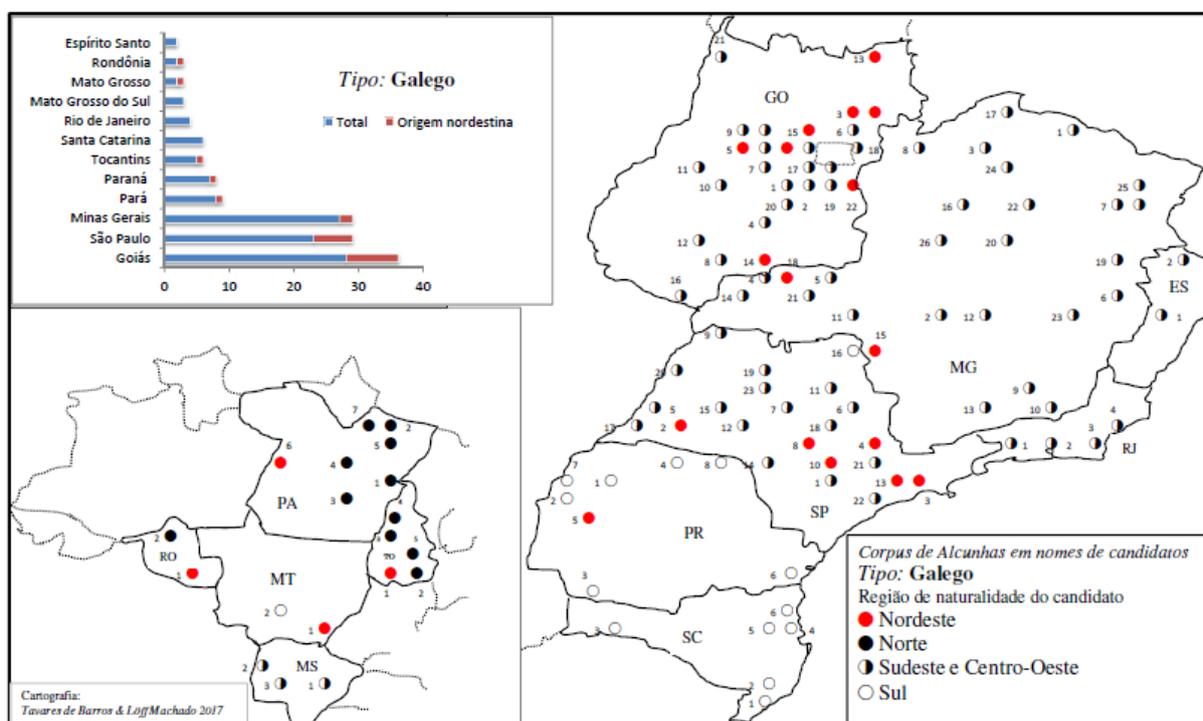
Base cartográfica: mapa IBGE 2010

Fonte: elaboração nossa

Fig. 07- Mapa das ocorrências totais da forma *galego* nas demais regiões brasileiras

Além da forma *galego*, foram consideradas na cartografia suas variantes em declinação de gênero *galega* e grau *galeguinho* e *galegão*. Dentre elas *Galego* é a forma mais comum e reuniu 78 % das ocorrências totais. Em segundo lugar, encontra-se a variante atribuída às mulheres, *galega*, com 16 % do total. Em seguida, *galeguinho* com 07 % de todos os registros, e, por último, o aumentativo *galegão*, com 01 %.

A contribuição do mapeamento de *galego*, em todo Brasil, proporcionou-nos um consenso, que a sua presença no sul da Amazônia Meridional é forma transplantada de áreas de imigração portuguesa, sendo a região nordeste um dos contextos radiadores desse apodo na Amazônia brasileira e em outras regiões⁴³ fora do nordeste (abaixo).



Base cartográfica: mapa IBGE 2010

Fonte: elaboração nossa

Fig. 08 - Mapa das ocorrências totais da forma *galego* em alcunhas de candidatos de origem nordestina

Considerações finais

As migrações e os contatos linguísticos que se estabeleceram no sul da Amazônia Meridional refletiram um mosaico diverso no que tange ao uso das alcunhas. O diferente precisa ser denominado, pois sua marca é particular perante aos outros sujeitos da comunidade. Assim, a alcunha detém sua função implementada, que é identificar o sujeito na

⁴³ Aí cabe ressaltar um dado histórico, o papel dos nordestinos na dinâmica econômica de São Paulo e o em entorno da capital federal, Brasília.

memória coletiva e, ao mesmo tempo, ser uma expressão ora de carinho e respeito, ora de humor ou crueldade.

Essas formas antroponímicas podem ainda revelar antigos contatos linguísticos, cujos velhos vizinhos foram importante referência para denominar o que era entendido como coisas que lhes pertenciam. Esse aparenta ser o caso da forma *galego* nas áreas de colonização portuguesa no Brasil. Além disso, a (i)migração expressiva de um determinado grupo e suas características culturais também podem gerar o uso generalizado de uma alcunha para sujeitos que obedeçam a mesma estrutura motivacional, a forma *polaco* parece ser um bom exemplo disso. Nesse contexto, os clãs familiares, o poder econômico e a referência geográfica podem ser ferramentas que propiciam a sobrevivência dos apelidos e das alcunhas coletivas.

Enfim, o estudo das alcunhas é apenas uma maneira de visualizar a constituição da amálgama social, em que o conteúdo semântico das formas antroponímicas pode ser alterado conforme as novas realidades. O papel da Onomástica e da Dialetologia é, portanto, de registrar e analisar essas formas, e, quando possível, cartografá-las. Podendo assim fornecer maiores contribuições para a historiografia da língua.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de A. *Atlas Lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- CAFFARELLI, E. e MARCATO, C. I. *Cognomi d'Italia: Dizionario Storico Ed Etimologico*. UTET: Torino, 2008.
- CÂMARA; Bruno A. D. *O “retalho” do comércio: a política partidária, a comunidade portuguesa e a nacionalização do comércio a retalho, Pernambuco 1830- 1870*. Tese de Doutorado - UFPE, Recife: 2012.
- DUDEN. *Familiennamen: Herkunft und Bedeutung* (bearbeitet von Rosa und Volker Kohlheim). Mannheim-Leipzig-Wien-Zürich, 2000.
- FERRAZ, Luiz Paulo Pontes. *“Deus te leve a Pernambuco”*: antilusitanismo, legislação e estatística na história da imigração portuguesa para Pernambuco (1945 – 1964). Dissertação de Mestrado – UFPE, Recife: 2014.
- FERREIRA, Carlota *et al.* *Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS)*. Salvador: UFBA - Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.
- GLESSGEN, Martin-Dietrich. *Linguistique romane: domaines et méthodes em linguistique française et romane*. Ed. Armand Colin: Paris, 2008.
- LIMA, Maria R. C. P. *Barbadianos negros e estrangeiros: trabalho, racismo, identidade e memória em Belém de início do século XX*. Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói: 2013.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. 1ª ed. em 3 vols. Editorial Confluência: Lisboa, 1984.
- RAMOS, Francisco M. Les surnoms et leur transmission em Alentejo. In: *Recherches en anthropologie au Portugal*, n.1, 1990a. P. 7-13. Disponível em : http://www.persee.fr/doc/rap_1240-3474_1990_num_2_1_888 Acesso: 30.03.2017

- RAMOS, Francisco Martins. *Alcunhas Alentejanas: estudo etnográfico*. INGRAPOL: Monsaraz, 1990b.
- REINSMA, R. *Comparing self-attributed carnival place nicknames with nicknames terributed by neighboring towns: do they refer to the same spatial unit?*. In: Oliviu Felecan (ed.). *Name and Naming. Onomastics in Contemporary Public Space*. Cluj-Napoca, 2013.
- SANTOS RODRIGUES, J. R. La construcción del ferrocarril Madeira-Mamoré y el Caribe inglés: la primera inmigración negra libre. *Revista Vergueta*, n. 11: 2009-2010.. Disponível em: <http://revistavegueta.ulpgc.es/ojs/index.php/revistavegueta/issue/view/15> . Acesso em 12.03.2017.
- SANTOS JUNIOR, Paulo Marreiro dos. Indolente ou laborioso? A construção de sentidos na E/Imigração portuguesa para o Amazonas. In: DE MATOS, M.I. S; SOUSA, F. e HECKER, A. *Deslocamentos e histórias: os Portugueses*. EDUSC, 2008.
- SARAMAGO, João; SEGURA Luísa; VITORINO Gabriela; BARROS FERREIRA, Manuela. *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores*, 2012. Edição on-line: <http://www.culturacores.azores.gov.pt/alea/>
- TEXEIRA, José, 2007, Metonímias e metáforas no processo de referência por alcunhas do Norte de Portugal. *Diacrítica Série Ciências da Linguagem*, nº 21/1, Universidade do Minho, Braga, p. 207-239.
- TAVARES DE BARROS, Fernando H. *Viagem à colônia portuguesa: caderno de campo em Triunfo – RS no entroncamento do Jacuí com Taquari*. 25 e 26 de março de 2017.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. completamente refundida. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953 [1923].
- NUNES, Naidea N. *Alcunhas e nomes geográficos na literatura regional madeirense*. In: Biblioteca filológica galega | Instituto da Língua galega | Homenaxe a Dieter Kremer. Instituto da Língua Galega, 2004, p. 509-517.
- POLANAH, Luis. O estudo antropológico das alcunhas. *Revista Lusitana*, v. 7, 1986, p.125-145.
- SPILLNER, Bernd. *Kosename von deutscher Jugendllicher*. In: Conferința Internațională de Onomastică ,Numele și numirea. Interferențe multietnice în antroponimie. Baia Mare, 19 – 21 septembrie 2011. Disponível em: <http://onomasticafelecan.ro/iconn1/> Acesso: 29.03.2017.

Recebido em: 31/03/2017. Aceito em: 04/06/2017.